

## ***A palavra contra o muro* e o gesto po-ético-político de exumar a história da ditadura militar brasileira**

**Luciana Pimenta**

<sup>1\*</sup> PUC Minas / pereirapimenta@hotmail.com

### **Resumo:**

Partindo de uma epígrafe-presente, retirada dos *Poemas para exumar a história viva*, organizado pelo poeta Alberto Pucheu, em 2021, este texto elogia o verbo-gesto de ‘exumar’ a história, como gesto po-ético-político de trazer à tona o testemunho daqueles que fizeram da poesia e da literatura um espaço-sedimento para narrar e resistir à história da ditadura militar brasileira. É neste contexto que se apresenta o testemunho po-ético de Pedro Tierra, a partir do livro *A palavra contra o muro*, numa leitura tecida com apontamentos que se entremeiam à crítica literária e à história. O objetivo é mostrar como os poemas-testemunhos de Pedro Tierra – que figura, aqui, como um, entre os muitos poetas que lançaram palavras contra os muros na ditadura militar – podem produzir um novo sentido e um sentido novo para a história brasileira.

**Palavras-Chave:** testemunho po-ético; crítica literária; gesto; história; ditadura militar brasileira; Pedro Tierra.

---

<sup>1\*</sup> Professora de Filosofia do Direito, História e Formação do Direito, Hermenêutica e Argumentação Jurídica na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Faculdade Mineira de Direito, Belo Horizonte, Brasil.

*...para que possa ser mostrada e pleiteada uma dessemelhança radical daquele espectro que segue, mais do que rondando, no cerne de nossa história; para que possa ser mostrado o verso, e o avesso, do golpe de 1964, os poemas dos que resistiram a ele, colocando não apenas a poesia em risco, mas igualmente suas vidas. Para sobrevivermos a 1964 ou a 2016, a 1968 ou a 2018, precisamente desses – e outros poemas de “sangue e sonhos” ...*

— Alberto Pucheu

## **1. Uma epígrafe-presente: *Poemas para exumar a história viva***

Quero partir deste gesto ancestral de “escrever por cima de”, para dizer daquela inscrição, em prosa ou em verso, aposta sobre tumbas ou lápides, então chamada de ‘epitáfio’, destinada a lembrar a memória dos mortos: uma epígrafe. Um gesto que se conecta ao ato de grafar, herdeira da ação de arranhar e sulcar a pedra ou argila, que deu vida às primeiras letras. Começar pelo gesto de dizer que uma epígrafe sempre carrega uma espectralidade que revolve e assombra o texto. Talhada sobre a própria história, esta epígrafe também poderia ser um epitáfio sobre a lápide de cada um dos poetas e atores do verso, e avesso, do golpe militar de 1964, no Brasil.

Partir de uma epígrafe-presente. Um presente que o Brasil – a história do Brasil – ganhou no ano de 2021: a publicação de *Poemas para exumar a história viva. Um espectro ronda o Brasil*. Organizado pelo poeta e professor de Teoria Literária da UFRJ, Alberto Pucheu, o livro reúne 25 poetas que foram presos políticos durante a ditadura militar brasileira, trazendo a público nomes que figuraram em listas militares como subversivos, terroristas, comunistas e outros ivos e istas que escondem, por detrás da violência que torturou e matou tantas pessoas, poetas e historiadores, no sentido que aqui se quer para esta palavra.

À exceção de alguns poucos nomes, a maior parte dos poetas que integra a antologia é desconhecida do povo brasileiro, o que sinaliza, de antemão, o desconhecimento, por este mesmo povo, de uma versão de sua história que não figura nos livros oficiais. A história de nomes e corpos que nunca apareceram, silêncios e aflições que nunca foram narrados, testemunhos que não se deixam

conhecer nas páginas que frequentam as salas de aula, nem naquelas que se guardam amarelas, sem que delas escorra o sangue das mortes invisibilizadas na história da ditadura militar brasileira. Presente no vermelho que tanto escorre da epígrafe, quanto circula neste texto, um vermelho-sangue-e-sonho, dos que morreram e dos que nos entregam, em nome de nossa própria sobrevivência, seu testemunho.

‘Exumar’, então, é um verbo-gesto preciso na empreitada de trazer à tona o testemunho po-ético que des-en-terra a história do Brasil re-mexendo o chão da história, naquilo que nele há de recalcado e escondido. Um gesto de in-corporação. A palavra fraturada, aqui, retrata as fraturas e cicatrizes inscritas nos corpos mortificados pela ditadura – a exumação é sempre a exumação de corpos – cujas vidas – e mortes – narram sua-nossa história. Um gesto-ação – uma gestação – como aquilo que ela traz de vida e esperança na re-invenção da história.

Convém lembrar que a exumação de cadáver aparece no Direito brasileiro como contravenção penal, que descreve a conduta de “Inumar ou exumar cadáver, com infração das disposições legais” (BRASIL, 1941b, art. 67), dispondo, no Código de Processo Penal: “em caso de exumação para exame cadavérico, a autoridade providenciará para que, em dia e hora previamente marcados, se realize a diligência, da qual se lavrará auto circunstanciado” (BRASIL, 1941a, art.163). De modo que *Poemas para exumar a história viva* assume o tom de transgressão que tem o delito – ao transgredir a História oficial do Brasil – e ‘in-corpora’ o desejo de lavrar um outro “auto circunstanciado” dessa História: “2021... 2018... 2016... 1968... 2016... 2018... 2021. Um espectro ronda o Brasil – e não é, absolutamente, o do comunismo” (PUCHEU, 2021, p. 6).

Uma ‘in-corporação’ para que os corpos venham à tona. Em cada poema o corpo aparece, inclusive, ou sobretudo, na espectralidade dos corpos mortos e desaparecidos – como um amplo sistema cognitivo, historiador e transgressor da racionalidade e violência normativas, centradas na aniquilação de corpos e vidas promovida por um modelo ditatorial de Estado. “Tudo que é textualizado

nas mais amplas possibilidades de linguagens parte de uma experiência de saber que transita pelo corpo, enquanto agente coletivo e individualizado que é” (RUFINO, 2019, p. 59). *Poemas para exumar a história viva* dedica-se, portanto, a mostrar como os poetas usaram seus corpos – suas mãos, seus olhos, sua voz silenciada e todos os ecos e gritos de dor, em seus corpos e no corpo do outro – para narrar uma história e, ao mesmo tempo, atuar em sua crítica, tendo como primeiro testemunho da antologia a voz de Pedro Tierra.

## 2. Quem é você, Pedro Tierra? <sup>2</sup>

Algumas pessoas nascem, por assim dizer, duas vezes. Nasci numa pequena cidade do Norte, no Brasil profundo, onde as crianças conversavam pelas estrelas com os ausentes. (Hoje conversam pelo WhatsApp). Uma pequena cidade com janelas debruçadas sobre o silêncio verde e lento do rio da minha vida, o Tocantins: Porto Nacional. Em 6 de julho ou 26 de julho de 1948 (há controvérsias...), nasci pela segunda vez na cela do cárcere. Um ventre que nutre o avesso da vida. Ausente de toda umidade. Do tépido, do líquido, do aconchego. Do que se aproxima do visgo, da placenta, dos óleos e do mel e do leite, que banham tudo que nasce. Um ventre árido, Revestido de pedra e ódio. Um ventre que engendra morte. Nasci – renasci – pelo verso. Pela dor e pela esperança fui batizado: Pedro Tierra: ferreiro que aspira fundir em metal a língua que falarão nossos descendentes, a língua do Continente... (TIERRA, 2020, p.167).

Esta apresentação compõe a abertura do texto “A poesia é o escândalo da palavra”, de autoria de Pedro Tierra, que integra a coletânea *Literatura e Ditadura*, dando-nos a conhecer dois nascimentos. Do primeiro, aos 26 de julho de 1948, em Porto Nacional, Tocantins, nasce o Hamilton Pereira da Silva, que se faz homem sem frequentar a universidade, em razão das atividades políticas que assumiu, passando por seminários católicos e prisões, como moradas que constituíram e decorreram da luta contra a ditadura militar implantada no Brasil, em 1964.

---

<sup>2</sup> No pequeno texto intitulado *Novos Caminhos da Crítica Literária na França*, Barthes concebe duas espécies de crítica, a de lançamento (em jornais e revistas, com a incumbência de informar o leitor sobre o livro) e a crítica estrutural, que se expressa em obras e trabalhos, afirmando, quanto a esta quanto a esta última: “Já não se trata de perguntar ao escritor “Quanto você vale?, mas “Quem é você?” e, de maneira mais geral e também mais inquietante, “No fundo, o que é literatura?” (BARTHES, 2004, p. 36). Este o ponto de partida adotado aqui, na pergunta: Quem é você, Pedro Tierra?

Do segundo, no cárcere, nasce o poeta Pedro Tierra, autor do primeiro dos *Poemas para exumar a história viva*, o “Poema-prólogo”, parte dos *Poemas do povo da noite*, que noticia, pelo corpo-voz de quem morreu e renasceu cem vezes sob os golpes do açoite, a causa de seu nascimento e testemunho: “Fui poeta/ como uma arma/ para sobreviver/ e sobrevivi”: “Sou poeta/ dos torturados, dos “desaparecidos”, dos atirados ao mar/ sou os olhos atentos sobre o crime” (TIERRA, 2010, p. 29) .

Pedro Tierra cumpriu cinco anos de cárcere, de 1972 a 1977. Sobrevivente, aos 28 anos, contribuiu para fundar sindicatos de trabalhadores rurais, país afora. Autor de diversos livros, dentre eles, *Poemas do povo da noite*; *Água de Rebelião*, *Missa da Terra sem males*, em coautoria com D. Pedro Casaldáliga e Martin Coplas, *Missa dos Quilombos*, com D. Pedro Casaldáliga e Milton Nascimento, *Inventar o fogo*, *Passarinhar*, *Dies Irae*, *O Porto Submerso*, *A palavra contra o muro*, *Ameríndia.Morte e vida*; *Narrativas dos anos de chumbo* e *A estrela imperfeita*, usando e dedicando suas mãos no gesto de recompor o corpo despedaçado de seus companheiros, escrevendo, em seus versos, a promessa de uma história porvir:

Com estas mãos

Ao companheiro Jonas, torturado até a morte  
Em 29 de setembro de 1969

Cultivarei o chão da manhã.  
Com estas mãos  
Ainda algemadas,  
Não importa o sangue,  
se ele brota dos meus dedos  
ou da terra ferida.  
Não importa se a colheita de luz tarda,  
ou se os depósitos da noite permanecem intactos.  
Não importa que a passagem do inimigo  
só tenha deixado destroços.  
Cultivarei o chão da manhã,  
embora, hoje eu deva recompor  
o corpo de meu irmão feito em pedaços.  
Não importa se tarda a colheita da luz.

Cultivar o chão da manhã: essa, a tarefa do gesto-ação que fez nascer o poeta, com as mãos algemadas, escrevendo com o sangue que tanto brotou de seus dedos quanto da terra – Tierra – com que se batizou poeta, usando a língua do outro, uma língua do continente, para nomear a si mesmo, numa transposição po-ética do monolinguismo: “apresentando-a, nesta mesma língua, como a língua do outro” (DERRIDA, 2001, p. 35). O chão da manhã se apresenta, pois, como própria metáfora do porvir, a partir da recomposição do corpo despedaçado do irmão. “O porvir não pode ser senão dos fantasmas. Assim como o passado” (DERRIDA, 1994, p.57), donde nascerá, como história porvir, a colheita da luz.

### **3. A palavra contra o muro: o gesto po-ético-político contra a ditadura militar**

Publicado originalmente sob o título de *Zeit der Widrigkeitne*, *A palavra contra o muro* saiu primeiro na Alemanha, em 1990, e só em 2013 no Brasil, numa edição bilingue, com tradução de Curt Meyer-Clason e Sarita Brandt. A apresentação é de Hermann Schulz que narra ao leitor a chegada dos manuscritos de Pedro Tierra na Europa, em meados da década de setenta, através de um portador, José Ferreira, que representava um conjunto de pessoas desejosas de angariar fundos para o movimento de oposição política à ditadura militar no Brasil.

Sensibilizado com a ingenuidade do projeto (leia-se pró-gesto) de angariar fundos para resistência política, na Alemanha, com poemas provenientes do Brasil, Schulz afirma que um editor, às vezes, segue “uma pista, sem saber ao certo porque”, descrevendo José Ferreira como a expressão daquilo que o movimento operário na América Latina tem de melhor: “a moral de uma resistência insubornável, uma postura interior que lhe dava forças para enfrentar privações no exílio” (SCHULZ, 2013, p. 12).

Do diálogo com José Ferreira nasceu a ideia de editar um outro livro mais comercial, cujos ganhos seriam inteiramente destinados à luta política no Brasil.

Assim nasceu *Um novo Céu – Uma nova Terra*, produzido a partir de uma viagem de Schulz ao Brasil, colhendo testemunhos e experiências sobre a resistência à ditadura militar em solo brasileiro, quando se deu a conhecer a enorme teia da resistência política à ditadura, que englobava grupos religiosos, sindicatos, partidos políticos e diversos movimentos populares, de uma ponta a outra do Brasil e o próprio poeta Pedro Terra, que acabara de sair da prisão: “No rosto delgado, extenuado – recorde – jaziam dois olhos ardentes, radiantes, de uma intensidade incrível. A tortura não conseguira dobrar este homem” (SCHULZ, 2013, p. 10).

Uma pista possível para a sensibilidade de Schulz, a pista que se seguiu “sem saber ao certo porque – para adesão ao pró-gesto de publicação dos poemas de Pedro Terra talvez seja – ainda que de forma inconsciente – o encontro dos muros que enodam a história da ditadura militar brasileira à história da Alemanha. O Muro de Berlim, oficialmente denominado Muro de Proteção Antifascista, foi seguramente a mais notável barreira física construída na Guerra Fria. Além de dividir a Alemanha em Oriental e Ocidental, em 1961, simbolizou a divisão do mundo em dois grandes blocos, sendo patrulhado por militares da Alemanha Oriental que portavam a famosa Schießbefehl ou "Ordem 101" – a ordem de atirar para matar os que tentassem escapar.

Do lado de cá, em terras brasileiras, a ditadura militar construiu muros mais velados, mas não menos tortuosos: o in-familiar do Muro de Berlim se reconhecia no in-familiar dos muros da Ditadura militar brasileira: “não há nenhuma dúvida de que ele diz respeito ao aterrorizante, ao que suscita angústia e horror” (FREUD, 2019, p. 29).

No testemunho de Pedro Terra, “O muro” é construído de um espesso bloco, sem espaço para a quebra dos versos, que podem, por vezes, servir de escadas ou janelas para a voz, e o próprio movimento do ar. Compacto e turvo, ele cresce – “Não em altura, mas em volume, em espessura” e traz à tona a história dos movimentos da vida se escasseando, “sufocando o espaço cobrado pelo corpo”. A cada manhã, o muro expressava um território a menos e tudo se impregnava da substância do muro.

### O muro

...E quando a terra que nutria o sonho e o cristal, exausta se entregou às fogueiras do sol e do deserto, e os movimentos da vida escassearam, e a sombra dos homens, porque já então éramos sombras, foi buscando esse tom cinza que trazemos agora, cresceu o muro. Não em altura, que já então era alto o suficiente para tocar o telhado sujo da noite e roubar-nos completamente o horizonte, mas em volume, em espessura, sufocando com sua pedra e sua cinza o espaço cobrado pelo corpo. O muro abandonou seus alicerces. Dotou-se de raízes como cercas-vivas. Não para fixar-se à terra, mas sugar dela a força que nos mantinha pulsando. Não para elaborar as flores como a árvores sem saber as elabora, mas para alimentar sua armadura de pedras e tristezas, Avançou sobre nós compacto e turvo. Devorou o corpo dos anciãos, dissolveu seu fogo o ar que respirávamos. A cada manhã conferíamos um território a menos: mais escasso o corredor, mais breve o dia, mais estreito o catre. Tudo se impregnara da substância do muro. Tudo se cerrara. Os sapatos recusando caminhos, a garganta retendo as palavras, as portas, aos poucos, ganhando a feição de paredes, as janelas, sempre fechadas desde que nascera o muro, o tempo as desfigurava em travas de ferro e agonia. Passamos a carregar o muro nos tornozelos e nos pulsos, a sonhar com o muro, a enxergar o muro no rosto das sentinelas, nos olhos de nossos filhos... (TIERRA, 2013, p. 54)

É contra esse muro que Pedro Tierra lança a palavra, como quem lança a própria vida, num gesto po-ético de relação com a história do seu país e da própria humanidade. Um gesto que tanto lança, quanto recolhe os sedimentos não apenas da sua vida, mas todas as vidas e corpos que seu corpo testemunha, como quem compreende que “o sedimento é, antes de tudo, o país onde teu drama se ancora” e que “a paisagem de tua palavra é a paisagem do mundo. Mas sua fronteira está aberta” (GLISSANT, 2021, p. 58). Em travas de ferro e agonia, o muro de Pedro Tierra institui e sedimenta uma literatura brasileira que é, ao mesmo tempo, um produto da ditadura militar brasileira e seu antídoto, “ela vem do tempo e a ele se opõe; ela é uma estrutura em movimento” (BARTHES, 2004, p. 41).

### Testemunha

17.00 horas  
Meus olhos não anoitecem e sei:  
não era este o corpo que usavas  
para caminhar entre os homens.  
Tua carne é apenas tua dor.

19.30 horas  
Com os dedos da memória  
vigio:



a cabeça cortada em pedaços  
de negro e relâmpago  
pelas agulhas dos dínamos.  
Os dentes cariados do algoz  
tritiram o grito dos teus ossos.

23.00 horas  
Durante séculos enterrados  
meus olhos não se fecharam.  
Um gosto de vidros estilhaçados  
Risca a garganta e a alma.  
Sinto, na sombra, o brilho dos punhais  
a percorrer o corpo,  
devastado território  
de madeiras em fúria.

03.00  
Como um cego de olhos eternos,  
a quem as facas do Tempo  
arrancaram o véu das pálpebras  
vigio:  
pasto de tempestades,  
tua carne extingue  
a brasa dos cigarros  
num lago de sangue  
e cinzas...

05.45  
A garganta dos corredores  
devora tua vida:  
fardo de sobressaltos.

Meu peito não se cerrou.  
Sobrevivente,  
aqui te recebo:  
bagaço devolvido  
pelas oficinas da morte.

Sinto crescer o coração no peito,  
Fogueira ardendo em madeira antiga,  
poema indeciso a desatar-se  
da alma inconsútil do teu silêncio.  
(TIERRA, 2013, p. 36 a 39)

No poema “Testemunha”, o tempo marcado no relógio se desloca para a temporalidade, em transcurso: o fio de dor que atravessa as estrofes tece – desatando o silêncio – o doloroso percurso de testemunhar a morte de um companheiro. 17:00 horas – “Meus olhos não anoitecem”, testemunha o poeta, diante de um corpo que já não é mais corpo – “não era este corpo que usavas/para caminhar entre os homens”. 19:30 horas – Os dedos da memória

vigiam a cabeça cortada em pedaços, pelas agulhas dos dínamos. “Este tempo que não é exatamente o passado, tem um nome: é a memória” (DIDI HUBERMAN, 2000, p. 41). Os ossos do corpo gritam e são triturados pelos dentes cariados do algoz. 23:00 horas – séculos já se passaram neste interstício interminável e os olhos não se fecham. Testemunha “também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro” (GAGNEBIN, 2009, p. 57).

“Um gosto de vidros estilhaçados risca a garganta e a alma”: este é gosto com que se escreve a história: A memória que testemunha é a própria origem da história, o que subverte aquela ideia de que a história seja uma ciência do passado porque o passado só existe nos corpos que o testemunham, o que expressa o desejo de Benjamin de fazer do tempo histórico o tempo dos homens, na dimensão de temporalidade: é como se cada instante fosse o dia do juízo final de determinada imagem do passado ou da atualidade: 03:00 – “Como um cego de olhos eternos/ a quem as facas do Tempo/arrancaram o véu das pálpebras/vigio” a carne do companheiro se extinguiu num lago de sangue e cinzas.

05:45 - O peito que testemunha – o peito sobrevivente do poeta – sente o poema indeciso desatar. Não há espaço para o cálculo. O poema nasce na loucura do instante, fazendo justiça ao corpo que tem diante de si e a alma ‘inconsútil’ do silêncio. É ele a fonte da palavra que se lança contra o muro: o doloroso silêncio dos corpos eliminados e aquele que paira sobre a garganta que nada pode dizer. Por isso se escreve. Escrever é o único gesto possível. A forma possível de dizer o impossível.

#### **4. O desejo de um novo e um povo porvir**

...Para sobrevivermos a 1964 ou a 2016, a 1968 ou a 2018, precisamos desses – e outros – poemas que, resgatando a memória escovada a contrapelo do Brasil, nos ajudem a resgatar testemunhos para combater o predomínio das notícias falsas; precisamos desses – e outros – poemas que nos ajudem a sair da “noite que ficou”, da noite que é como “um desfile de

blindados” de poemas que nos ajudem a fazer lutos individuais e coletivos de nossos processos ditatoriais e autoritários em nome de um novo porvir. Afinal, “se não fizermos isto/pela nossa causa/quem o fará?” (PUCHEU, 2021, p.17).

Estas são as palavras com que o poeta Alberto Pucheu encerra a apresentação dos *Poemas para exumar a história viva*. Nelas um “novo porvir” faz ressoar o desejo de uma história porvir que é, também, nas democracias, o desejo de um “povo porvir”. Do “n” ao “p”, as letras se deslocam no alfabeto, na boca, na folha, na trama sonora e viva da história, a dizer da única fonte verdadeira para a história: os corpos onde a história se inscreve, aqueles cujas vidas escorrem da memória que dá testemunho; aqueles que, dando testemunho, emprestam bocas e dedos à justiça e aqueles que, conhecendo-a, como leitores de uma história viva, construída por corpos vivos, assumem, como herança, um novo sentido e um sentido novo para a história.

Não seria essa a promessa e a esperança de uma re-invenção da cidadania: o povo porvir? Um povo que é, ao mesmo tempo, uma transgressão à ideia de povo presa às amarras do Estado e do poder. Ou, mais que isso, um povo nascido de um gesto-ação que recusa as interdições do mundo da lei, abrindo espaço para uma “mestiçagem sem limites, cujos elementos são múltiplos e as resultantes imprevisíveis” (GLISSANT, 2021, p. 59), numa paisagem multilinguista, relacional, de gestos, po-éticas e sentidos. Porque aí reside “o sobrevir poderoso da literatura como seiva política” (GOMES, 2020, p. 9), que fez com que Derrida a denominasse “essa estranha instituição” que tudo pode dizer: “dizer tudo é também transpor [franchir] os interditos. É liberar-se [s’afranchir] – em todos os campos nos quais a lei pode se impor como lei. A lei da literatura tende, em princípio, a desafiar ou a suspender a lei” (DERRIDA, 2014, p. 49).

Neste fazer relacional, donde sobrevém a seiva política da literatura, Barthes situou a tarefa crítica: mostrar como o escritor usa a literatura para olhar a história, ou seja, “ao mesmo tempo para manifestá-la e objetivá-la, tentando num único movimento dar conta de sua sociedade e opor-se a ela como uma espécie de opacidade corporal maravilhosa e dilacerante, faz parte também da

crítica histórica” (BARTHES, 2004, p.26), de modo que será grande vitória da crítica ampliar o material histórico, renunciando a “reduzir a Literatura a uma justaposição de conceitos ou de escolhas políticas, mas, ao contrário, historificar a própria consciência do escritor, a duração do gesto com o qual esse corpo humano criou a literatura” (BARTHES, 2004, p.28).

Este texto, assim como os *Poemas para exumar a história viva*, é, pois, um elogio à lembrança como gesto vivo. Um elogio no sentido grego do *e + lógon*, que adiciona esse algo mais (*e*) à linguagem (*lógon*), traduzido como epitáfio. Epígrafe e epitáfio se encontram nesse elogio. A lembrança é a grande testemunha do que Benjamin quis destacar em suas teses sobre a história. O lembrar é sempre um gesto presente. Sempre é a partir do presente que se lembra. O objeto da lembrança é sempre algo que se coloca ao alcance dos sentidos.

O objeto, aqui, é o poema, os poemas-testemunhos, não apenas de Pedro Tierra, mas de todos que lançaram palavras contra os muros da ditadura militar, arriscando suas vidas para nos dar um objeto possível para um testemunho impossível, é o que temos para produzir um conhecimento verdadeiro sobre nosso passado, presente, e um sentido porvir para a democracia e a história. Afinal, “o que é uma obra artística senão ao mesmo tempo produto de uma História e resistência a essa História?” (BARTHES, 2004, p.41). Este texto assina um gesto de leitura, no desejo de contribuir com o gesto po-ético-político de exumar a história da ditadura militar brasileira.

Em tempo: ““desejo” não se deve entender em sentido utilitário (por exemplo, desejar coisa e obtê-la), mas como a busca interminável daquilo que por meio da linguagem ficou perdido” (MARÍN-DÒMINE, 2015, p. 103).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, R (2004). “Algo novo na crítica”. In: *Inéditos*, I. São Paulo. Brasil: Martins Fontes, (p.p. 23 a 28).

BARTHES, R. (2004) “Novos caminhos para a crítica literária na França”. In: *Inéditos*, I. São Paulo, Brasil: Martins Fontes (p.p 36 a 41).

- BENJAMIN, W. (2012). *O anjo da história*. Belo Horizonte, Brasil: Autêntica.
- BRASIL. Decreto-Lei 3688, de 3 de outubro de 1941. Código de Processo Penal. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decret](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decret)
- BRASIL. Decreto-Lei 3689 de 3 de outubro de 1941. Lei das Contravenções Penais. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del3689compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del3689compilado.htm)
- DERRIDA, J. (1994). *Espectros de Marx. O estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*. Rio de Janeiro, Brasil: Relume-Dumará.
- DERRIDA, J. (2014). *Essa estranha instituição chamada literatura. Uma entrevista com Jacques Derrida*. Belo Horizonte, Brasil: UFMG.
- DERRIDA, J. (2001). *O Monolinguismo do Outro ou a prótese de origem*. Porto, Portugal: Campos das Letras.
- DIDI-HUBERMAN, G (2015). *Diante do tempo história da arte e anacronismo das imagens*. Belo Horizonte, Brasil: UFMG.
- FREUD, S. (2019). *O infamiliar/Das Unheimliche*. Belo Horizonte, Brasil: Autêntica (Obras Incompletas de S. Freud; 8)
- GAGNEBIN, J. M. (2009) *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo, Brasil: Editora 34.
- GLISSANT, E. (2021). *Poética da relação*. Rio de Janeiro, Brasil: Bazar do Tempo.
- GOMES, D. O. (Org.). (2020) "Poéticas como políticas.O real cravado no gesto". (Apresentação). In: *Poéticas como políticas do gesto*. Jundiaí, Brasil: Paco (p.p.9 a 23).
- MARIN-DÔMINE, Marta (2015). *Traduzir o desejo. Psicanálise e linguagem*. Belo Horizonte, Brasil: UFMG.
- PUCHEU, Alberto (Org) (2021). *Poemas para exumar a história viva. Um espectro ronda o Brasil*. São Paulo, Brasil: Bregantini.
- RUFINO, L. (2019). *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro, Brasil: Mórula.
- SCHULZ, H. (2013). "O poeta Pedro Terra". (Apresentação). In: *A palavra contra o muro*. São Paulo, Brasil: Geração (p.p 8 a 13).
- TIERRA, P. (2013). *A palavra contra o muro. Zeit der Widrigkeiten*. São Paulo, Brasil: Geração.
- TIERRA, P. (2020) "A poesia é o escândalo da palavra". In: PIVETTA, R. THOMAZ, P. C. (Orgs). *Literatura e ditadura*. Porto Alegre, Brasil: Zouk (pp. 167-176).
- TIERRA, P. (2010). *Poemas do povo da noite*. São Paulo, Brasil: Fundação Perseu Abramo.